



## Filosofia Moderna - Berkeley e Hume

**01 - (Enem)** Quando analisamos nossos pensamentos ou ideias, por mais complexos e sublimes que sejam, sempre descobrimos que se resolvem em ideias simples que são cópias de uma sensação ou sentimento anterior. Mesmo as ideias que, à primeira vista, parecem mais afastadas dessa origem mostram, a um exame mais atento, ser derivadas dela.

HUME, D. *Investigação sobre o entendimento humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

Depreende-se deste excerto da obra de Hume que o conhecimento tem a sua gênese na

- a) convicção inata.
- b) dimensão apriorística.
- c) elaboração do intelecto.
- d) percepção dos sentidos.
- e) realidade transcendental.

**02 - (Ufu)** Hume descreveu a confiança que o entendimento humano deposita na probabilidade dos resultados dos eventos observados na natureza. Ele comparou essa convicção ao lançamento de dados, cujas faces são previamente conhecidas, porém, nas palavras do filósofo:

[...] verificando que maior número de faces aparece mais em um evento do que no outro, o espírito [o entendimento humano] converge com mais frequência para ele e o encontra muitas vezes ao considerar as várias possibilidades das quais depende o resultado definitivo.

HUME, D. *Investigação acerca do entendimento humano*. Tradução de Anoar Aiex.

São Paulo: Nova Cultural, 1989, p. 93. Coleção "Os Pensadores".

Esse tipo de raciocínio, descrito por Hume, conduz o entendimento humano a uma situação distinta da certeza racional, uma espécie de "falha", representada pelo(a)

- a) verdade da fantasia, que é superior à certeza racional.
- b) crença, que ocupa o lugar da certeza racional.
- c) sentido visual, que é mais verídico que a certeza sensível.
- d) ideia inata, que atua como o a priori da razão humana.

**03 - (Uel)** Leia o texto a seguir.

Podemos definir uma causa como um objeto, seguido de outro, tal que todos os objetos semelhantes ao primeiro são seguidos por objetos semelhantes ao segundo. Ou, em outras palavras, tal que, se o primeiro objeto não existisse, o segundo jamais teria existido. O aparecimento de uma causa sempre conduz a mente, por uma transição habitual, à ideia do efeito; disso também temos experiência.

Em conformidade com essa experiência, podemos, portanto, formular uma outra definição de causa e chamá-la um objeto seguido de outro, e cujo aparecimento sempre conduz o pensamento àquele outro. Mas, não temos ideia dessa conexão, nem sequer uma noção distinta do que é que desejamos saber quando tentamos concebê-las.

Adaptado de: HUME, D. *Investigação sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral*. Seção VII, 29. Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: UNESP, 2004. p. 115.

Com base no texto e nos conhecimentos acerca das noções de causa e efeito em David Hume, assinale a alternativa correta.

- a) As noções de causa e efeito fazem parte da realidade e por isso os fenômenos do mundo são explicados através da indicação da causa.
- b) A presença do efeito revela a causa nele envolvida, o que garante a explicação de determinado acontecimento.
- c) A causa e o efeito são noções que se baseiam na experiência e, por meio dela, são apreendidas.
- d) A causa e o efeito são conhecidos objetivamente pela mente e não por hábitos formados pela percepção do mundo.
- e) A causa e o efeito proporcionam, necessariamente, explicações válidas sobre determinados fatos e acontecimentos.

**04 - (Enem)** Pode-se admitir que a experiência passada dá somente uma informação direta e segura sobre determinados objetos em determinados períodos do tempo, dos quais ela teve conhecimento. Todavia, é esta a principal questão sobre a qual gostaria de

insistir: por que esta experiência tem de ser estendida a tempos futuros e a outros objetos que, pelo que sabemos, unicamente são similares em aparência. O pão que outrora comi alimentou-me, isto é, um corpo dotado de tais qualidades sensíveis estava, a este tempo, dotado de tais poderes desconhecidos. Mas, segue-se daí que este outro pão deve também alimentar-me como ocorreu na outra vez, e que qualidades sensíveis semelhantes devem sempre ser acompanhadas de poderes ocultos semelhantes? A consequência não parece de nenhum modo necessária.

HUME, D. *Investigação acerca do entendimento humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1995.

O problema descrito no texto tem como consequência a

- universabilidade do conjunto das proposições de observação.
- normatividade das teorias científicas que se valem da experiência.
- Dificuldade de se fundamentar as leis científicas em bases empíricas.
- inviabilidade de se considerar a experiência na construção da ciência.
- correspondência entre afirmações singulares e afirmações universais.

**05 - (Enem)** Todo o poder criativo da mente se reduz a nada mais do que a faculdade de compor, transpor, aumentar ou diminuir os materiais que nos fornecem os sentidos e a experiência. Quando pensamos em uma montanha de ouro, não fazemos mais do que juntar duas ideias consistentes, ouro e montanha, que já conhecíamos. Podemos conceber um cavalo virtuoso, porque somos capazes de conceber a virtude a partir de nossos próprios sentimentos, e podemos unir a isso a figura e a forma de um cavalo, animal que nos é familiar.

HUME, D. *Investigação sobre o entendimento humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1995.

Hume estabelece um vínculo entre pensamento e impressão ao considerar que

- os conteúdos das ideias no intelecto têm origem na sensação.
- o espírito é capaz de classificar os dados da percepção sensível.
- as ideias fracas resultam de experiências sensoriais determinadas pelo acaso.
- os sentimentos ordenam como os pensamentos devem ser processados na memória.
- as ideias têm como fonte específica o sentimento cujos dados são colhidos na empiria.

**06 - (Uel)** Leia o texto a seguir.

*As ideias produzem as imagens de si mesmas em novas ideias, mas, como se supõe que as primeiras ideias derivam de impressões, continua ainda a ser verdade que todas as nossas ideias simples procedem, mediata ou imediatamente, das impressões que lhes correspondem.*

HUME, D. *Tratado da Natureza Humana*. Trad. De Serafim da Silva Fontes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. p.35.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a questão da sensibilidade, razão e verdade em David Hume, considere as afirmativas a seguir.

- Geralmente as ideias simples, no seu primeiro aparecimento, derivam das impressões simples que lhes correspondem.
- A conexão entre as ideias e as impressões provém do acaso, de modo que há uma independência das ideias com relação às impressões.
- As ideias são sempre as causas de nossas impressões.
- Assim como as ideias são as imagens das impressões, é também possível formar ideias secundárias, que são imagens das ideias primárias.

Assinale a alternativa correta.

- Somente as afirmativas I e II são corretas.
- Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

**07 - (Ufsj)** Para David Hume, “os homens são, em grande medida, governados pelo interesse” e isso é perfeitamente visível, já que

- “tradicionalmente o interesse tem sido visto de dentro para fora, como algo que observamos em nós mesmos, mais do que alguma coisa que outros possam exhibir”.
- “mesmo quando estendem suas preocupações para além de si mesmos, não as levam muito longe; na vida corrente não é muito comum olhar para além dos amigos mais próximos e dos conhecidos”.
- “vão traduzindo a necessidade que eles têm de se relacionar a partir de um interesse particular, e isso vem somar-se à sua capacidade para a socialização para o seu próprio bem-estar”.
- “as suas atitudes morais traduzem as suas condutas solipsistas votadas aos mais distintos interesses materiais e espirituais”.

**08** - (Enem) O contrário de um fato qualquer é sempre possível, pois, além de jamais implicar uma contradição, o espírito o concebe com a mesma facilidade e distinção como se ele estivesse em completo acordo com a realidade. *Que o Sol não nascerá amanhã* é tão inteligível e não implica mais contradição do que a afirmação de que ele nascerá. Podemos em vão, todavia, tentar demonstrar sua falsidade de maneira absolutamente precisa. Se ela fosse demonstrativamente falsa, implicaria uma contradição e o espírito nunca poderia concebê-la distintamente, assim como não pode conceber que  $1+1$  seja diferente de 2.

HUME, D. *Investigação acerca do entendimento humano*. São Paulo: Nova Cultural, 1999 (adaptado).

O filósofo escocês David Hume refere-se a fatos, ou seja, a eventos espaço-temporais, que acontecem no mundo. Com relação ao conhecimento referente a tais eventos, Hume considera que os fenômenos

- a) acontecem de forma inquestionável, ao serem apreensíveis pela razão humana.
- b) ocorrem de maneira necessária, permitindo um saber próximo ao de estilo matemático.
- c) propiciam segurança ao observador, por se basearem em dados que os tornam incontestáveis.
- d) devem ter seus resultados previstos por duas modalidades de provas, com conclusões idênticas.
- e) exigem previsões obtidas por raciocínio, distinto do conhecimento baseado em cálculo abstrato.

**09** - (Ufsj) Segundo David Hume, “Todo raciocínio abstruso apresenta um mesmo inconveniente”, porque

- a) “pode silenciar o antagonista sem convencê-lo; e para nos darmos conta de sua força, precisamos dedicar-lhe um estudo tão intenso quanto o que foi necessário para sua invenção”.
- b) “impregna a mente humana com conceitos do idealismo que o induzem ao holismo moderno”.
- c) “justifica a disposição que a mente humana tem para se inclinar ao silogismo moderno”.
- d) “convida o raciocínio a enigmáticas considerações, direcionando-o ao ceticismo quinhentista”.

**10** - (Ufsj) Para George Berkeley, a expressão “ser é perceber e ser percebido” significava que

- a) a realidade é uma relação entre todo ser existente, medida e consentida.
- b) a existência da matéria é e não pode não-ser; ela não se vincula ao estatuto da mente.
- c) a percepção que temos do mundo não passa necessariamente pelo crivo da razão, mas, sim, pela autenticação do real por si mesmo.
- d) toda a realidade depende da ideia que fazemos das coisas.

**11** - (Ueg) David Hume nasceu na cidade de Edimburgo, em pleno Século das Luzes, denominação pela qual ficou conhecido o século XVIII. Para investigar a origem das ideias e como elas se formam, Hume parte, como a maioria dos filósofos empiristas, do cotidiano das pessoas. Do ponto de vista de um empirista,

- a) não existem ideias inatas.
- b) não existem ideias abstratas.
- c) não existem ideias a posteriori.
- d) não existem ideias formadas pela experiência.

**12** - (Ufsj) Os termos “impressões” e “ideias”, para David Hume, são, respectivamente, por ele definidos como

- a) “nossas percepções mais fortes, tais como nossas sensações, afetos e sentimentos; percepções mais fracas ou cópias daquelas na memória e imaginação”.
- b) “aquilo que se imprime à memória e nos permite ativar a imaginação; lampejos inéditos sobre o objeto e sua natureza”.
- c) “o que fica impresso na memória independentemente da força: ação de criar a partir do dado sensorial”.
- d) “vaga noção do sensível; raciocínio com força de lei que legitima a natureza no âmbito da razão”.

**13** - (Ufu) O texto abaixo comenta a correlação entre ideias e impressões em David Hume.

Em contrapartida, vemos que qualquer impressão, da mente ou do corpo, é constantemente seguida por uma ideia que a ela se assemelha, e da qual difere apenas nos graus de força e vividez. A conjunção constante de nossas percepções semelhantes é uma prova convincente de que umas são as causas das outras; [...].

HUME, D. *Tratado da natureza humana*. São Paulo: Editora da Unesp/Imprensa Oficial do Estado, 2001. p. 29.

Assinale a alternativa que, de acordo com Hume, indica corretamente o modo como a mente adquire as percepções denominadas ideias.

- a) Todas as nossas ideias são formas *a priori* da mente e, mediante essas ideias, organizamos as respectivas impressões na experiência.
- b) Todas as nossas ideias advêm das nossas experiências e são cópias das nossas impressões, as quais sempre antecedem nossas ideias.
- c) Todas as nossas ideias são cópias de percepções inteligíveis, que adquirimos através de uma experiência metafísica, que transcende toda a realidade empírica.
- d) Todas as nossas ideias já existem de forma inata, e são apenas preenchidas pelas impressões, no momento em que temos algum contato com a experiência.

**14 - (Uel)** Leia o texto a seguir:

Ao empreender a análise da estrutura e dos limites do conhecimento, Kant tomou a física e a mecânica celeste elaboradas por Newton como sendo a própria ciência. Entretanto, era preciso salvá-la do ceticismo de Hume quanto à impossibilidade de fundamentar as inferências indutivas e de alcançar um conhecimento necessário da natureza.

Com base no pensamento de David Hume acerca do entendimento humano, é correto afirmar:

- a) Dentre os objetos da razão humana, as relações de ideias se originam das impressões associadas aos conceitos inatos dos quais se obtém dedutivamente o entendimento dos fatos.
- b) As conclusões acerca dos fatos obtidas pelo sujeito do conhecimento realizam-se sem auxílio da experiência, recorrendo apenas aos raciocínios abstratos *a priori*.
- c) O postulado que afirma a inexistência de conhecimento para além daquele que possa vir a resultar do hábito funda-se na ideia metafísica de relação causal como conexão necessária entre os fatos.
- d) O sujeito do conhecimento opera associações de suas percepções, sensações e impressões semelhantes ou sucessivas recebidas pelos órgãos dos sentidos e retidas na memória.
- e) Pelo raciocínio o sujeito é induzido a inferir as relações de causa e efeito entre percepções e impressões acerca da regularidade de fenômenos semelhantes que se repetem na sucessão do tempo.

**15 - (Uel)** Leia o texto a seguir:

O principal argumento humeano contra a explicação da inferência causal pela razão era que este tipo de inferência dependia da repetição, e que a faculdade chamada “razão” padecia daquilo que se pode chamar uma certa “insensibilidade à repetição”, ou seja, uma certa indiferença perante a experiência repetida. Em completo contraste com isso, o princípio defendido por nosso filósofo, um princípio para designar o qual propôs os nomes de “costume ou hábito”, foi concebido como uma disposição humana caracterizada pela sensibilidade à repetição, podendo assim ser considerado um princípio adequado à explicação dos raciocínios derivados de experiências repetidas.

(MONTEIRO, J. P. *Novos Estudos Humeanos*. São Paulo: Discurso Editorial, 2003, p. 41)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o empirismo, é correto afirmar que Hume

- a) atribui importância à experiência como fundamento do conhecimento dedutivo obtido a partir da inferência das relações causais na natureza.
- b) corrobora a afirmação de que a experiência é insuficiente sem o uso e a intervenção da razão na demonstração do nexos causal existente entre os fenômenos naturais.
- c) confere exclusividade à matemática como condição de fundamentação do conhecimento acerca dos fenômenos naturais, pois, empiricamente, constata que a natureza está escrita em caracteres matemáticos.
- d) demonstra que as relações causais obtidas pela experiência representam um conhecimento guiado por hábitos e costumes e, sobretudo, pela crença de que tais relações serão igualmente mantidas no futuro.
- e) evidencia a importância do racionalismo, sobretudo as ideias inatas que atestam o nexos causal dos fenômenos naturais descobertos pela experiência.

**16 - (Ufsj)** Segundo as considerações sobre a Moral de Hume, é **CORRETO** afirmar que

- a) a Moral se derivada Razão.
- b) a Moral é uma subdivisão da Filosofia, e pode ser enquadrada no âmbito de uma Filosofia prática.
- c) a Filosofia Moral é domínio da Filosofia especulativa.
- d) a Moral tem seus preceitos legais extensamente extraídos de uma conformidade com a Razão.

**17 - (Unicentro)** Assinale a alternativa correta. Para David Hume (1711-1776),

- a) a alma é como uma *tábula rasa* (uma tábua onde não há inscrições), ou seja, o conhecimento só começa depois da experiência sensível.
- b) o que nos faz ultrapassar o dado e afirmar mais do que pode ser alcançado pela experiência é o hábito criado através da observação de casos semelhantes.
- c) “saber é poder”, ou seja, o conhecimento não é contemplativo e desinteressado, mas sim um saber instrumental, direcionado para a utilidade da ciência para a vida.
- d) as *ideias claras e distintas* são *ideias inatas*, não derivam do particular, mas já se encontram no espírito. Por isso, não estão sujeitas ao erro, pois vêm da razão, isto é, são independentes das ideias que vêm “de fora”, formadas pela ação dos sentidos.
- e) o *positivismo* corresponde à maturidade do espírito humano. O reino da ciência é o reino da necessidade. No mundo da necessidade, não há lugar para a liberdade.

## Gabarito:

### Questão 1: D

Para Hume, pensador empirista, o conhecimento humano tem origem na experiência sensível. A percepção pode ser dividida em impressões e ideias, sendo as impressões relativas aos sentidos humanos, tais como olfato, tato e visão, e as ideias as representações mentais derivadas das impressões sensíveis. Hume concebe, assim, as ideias como provenientes das impressões sensíveis, de modo que as impressões seriam a causa das ideias, rejeitando, portanto, o inatismo. Com efeito, toda ideia corresponderia a uma impressão e seria uma “cópia” da impressão (sensação) que a originou.

### Questão 2: B

Para Hume, a noção de causalidade se forma a partir da imaginação humana que cria a relação de necessidade a partir da identificação reiterada das mesmas “cenas da natureza”. Ou seja, relaciona-se causa e efeito através da inferência de que um objeto existe pela existência de um outro antecedente, afirmando-se o efeito pela causa. No entanto, esse raciocínio conduziria ao erro, pois não haveria fundamento lógico que garantisse o mesmo efeito, ainda que a causa se repetisse. Por exemplo: não há relação necessária entre fumaça e fogo, mas, devido à percepção, em vários momentos, da existência de fogo quando se tem fumaça no céu, passou-se a relacionar, quase que imediatamente, a existência de fogo quando se tem fumaça. Para Hume, portanto, é o hábito de vermos sempre o fogo associado à fumaça que nos leva a afirmar que um é a causa do outro. O hábito gera a crença de que os eventos continuarão a se repetir no futuro.

### Questão 3: C

David Hume tem como uma das questões centrais em sua teoria filosófica a relação entre causa e efeito. Para ele, essa relação fornece a base para todos os raciocínios, e consiste na inferência de que um objeto existe pela existência de um outro antecedente, ou seja, afirma-se o efeito pela causa. Para Hume, essa relação causal entre objetos é baseada na experiência, sendo, portanto, *a posteriori*, pois inferir o efeito pela causa só é possível porque a sucessão de objetos (causa e efeito) foi percebida anteriormente por meio das sensações. É o hábito de ver dois objetos se sucedendo no mundo que nos leva à crença de que essa sucessão continuará ocorrendo no futuro. Por

exemplo, percebemos muitas vezes por meio dos sentidos (olfato, tato, visão, audição e paladar) que onde há fumaça há fogo. Assim, esse hábito de vermos fumaça sempre que existe fogo nos leva à crença de que o fogo é a causa da fumaça.

### Questão 4: C

A filosofia empirista de David Hume estabelece uma crítica ao raciocínio indutivo que pode ser observada no texto, no qual Hume argumenta que o pensamento indutivo não possui fundamentação lógica, uma vez que partiria de uma crença de que percepções repetidas irão sempre se repetir, quando nada poderia garantir essa certeza. Para Hume, apenas o raciocínio dedutivo fundamentado na matemática faz uso da lógica, o que justifica a alternativa C. A classificação de Hume como filósofo empirista pode gerar dúvida em relação à alternativa B, no entanto, apesar da teoria do conhecimento desse filósofo se basear na rejeição da existência de ideias inatas que independam das impressões empíricas, a crítica ao raciocínio indutivo formulada por ele mostra a dificuldade de fundamentar as teorias científicas em bases lógicas, já que a experiência gera crenças e não leis necessárias. Assim, não se pode falar em “normatividade” das teorias científicas, uma vez que as relações de causa e efeito se baseiam na crença.

### Questão 5: A

Hume, sendo empirista, considera que os pensamentos são produzidos pela associação de ideias obtidas pelas sensações do homem. Todas as ideias seriam lembranças e combinações das sensações que recebemos pelos sentidos. Essas sensações originárias, que Hume chama de impressões, são o conteúdo de todas as ideias formadas pela mente, tal como afirma corretamente a alternativa A.

### Questão 6: B

David Hume no Tratado sobre o entendimento humano estabelece princípios de uma filosofia empirista radical levando aos extremos a maneira pela qual compreendemos e conhecemos a realidade. Segundo suas teorias ele coloca que as ideias simples derivam de impressões captadas pelos sentidos, existindo assim uma relação entre as impressões simples e as ideias simples. Das ideias primárias se formam as ideias secundárias que seriam as operações que nossa mente faz sobre as ideias primárias. Para Hume, portanto, toda ideia complexa pode ser reduzida às ideias primárias que a geraram e, do mesmo modo, as ideias primárias podem ser reduzidas

à impressão que a originou. Logo a origem de todas as nossas ideias são as impressões. Desta forma, os itens II e III não correspondem as teorias descritas por Hume.

#### Questão 7: B

Para Hume, nada orienta mais efetivamente as ações dos homens que suas opiniões. Certamente, os homens são governados pelo seu interesse, sua razão é refém de suas paixões, e a construção de uma opinião define em geral o comportamento de um indivíduo. A opinião sobre o que é relevante aos seus e seus próximos constitui a motivação básica da ação moral de um homem.

#### Questão 8: E

Na filosofia empirista de David Hume, a ideia de relação entre fenômenos que se repetem, ou seja, a ideia de que um fenômeno que ocorre de determinada maneira ocorrerá sempre da mesma forma, se origina do hábito de percebermos esses objetos juntos no mundo. É por que vemos o sol nascer todas as manhãs que acreditamos que nascerá amanhã novamente. Mas, para Hume, não há nenhuma garantia de que isso efetivamente ocorrerá. Assim, nossas previsões são formadas por raciocínios que usam o hábito para criar crenças. Não há uma necessidade nas leis de causa e efeito, que possa ser derivada por meio de um cálculo abstrato.

#### Questão 9: A

O hábito é o grande guia da vida humana no sentido de que nenhuma questão de fato é resolvida por algo além dele. Como Hume diz, *“sem a ação do hábito, ignoraríamos completamente toda questão de fato além do que está imediatamente presente à memória ou aos sentidos”* (D. Hume. **Investigações sobre o entendimento humano**. In *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 152). Sendo assim, o homem é apenas capaz de crer que a relação de causa e efeito entre a chama e o calor, por exemplo, se mantenha persistente. A crença é um resultado necessário da mente observar regularidades – diferentemente da ficção que é uma formulação com aparência de realidade e sem um lastro sensitivo. Nesse sentido, um raciocínio impenetrável é inconveniente, pois estabelece uma ficção capaz de convencer pela sua aparência de realidade, porém incapaz de se demonstrar pela sua ausência de lastro sensitivo.

#### Questão 10: D

A filosofia de Berkeley nasce em um contexto histórico de grande desenvolvimento científico e forte tendência ao materialismo. A ideia de que a materialidade constitui base sólida do conhecimento proliferou em grandes textos da época e consolidou a teoria lockeana que supunha a existência de uma substância material – a matéria como conjunção de todas as qualidades primárias que provocavam nossos sentidos para a formação das sensações e das ideias resultantes. Porém,

*“Berkeley [...] não admite [apesar de concordar com as linhas gerais da teoria empirista de John Locke] a passagem do conhecimento dos dados fornecidos pelos sentidos para o conceito abstrato de substância material. Aderindo ao mais completo empirismo, afirma que essa substância material não pode ser conhecida em si mesma. O que conhecemos do mundo exterior resume-se às qualidades reveladas no processo de percepção e nada mais, de tal forma que é forçoso concluir pela afirmação de que a existência das coisas não é mais do que um feixe de sensações. Em poucas palavras, “ser é ser percebido” (“esse est percipi”). Dizendo o mesmo de maneira mais concreta, a cor dos objetos não seria mais do que algo visto; o som, algo ouvido; a forma, algo visto ou sentido pelo tato e assim por diante. Todo o mundo corpóreo seria sempre o sensorial, um conjunto de fatos existentes unicamente nos sujeitos que conhecem. Não existiria qualquer possibilidade de conhecer-se uma existência independente, determinada pela estrutura das próprias coisas, como queriam Locke e os filósofos da natureza do século XVII”.*

(J. P. G. Monteiro. *Vida e obra – Berkeley*. In *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril cultural, 1980, p. IX)

Berkeley, por conseguinte, afirma que só o que há são mentes e ideias. E de onde vêm as ideias que possuímos? Segundo Berkeley, essas ideias provêm da mente de Deus. Assim, ao afirmar que “ser é ser percebido”, Berkeley está dizendo que toda a realidade depende da ideia que fazemos das coisas. O mundo só existe como ideia nas mentes.

#### Questão 11: A

O empirismo opõe-se ao inatismo ao considerar que as ideias se originam somente da experiência. Essa diferença pode ser bem observada quando se compara a visão de David Hume com a de René Descartes, para quem as ideias verdadeiras surgem de forma inata no sujeito cognoscente.

Vale lembrar que “inato” é aquilo que já nasce com o indivíduo. Para os empiristas, como Hume, nenhuma ideia nasce na nossa mente, todas as ideias provêm dos sentidos, das impressões que recebemos do mundo.

### Questão 12: A

A alternativa A é a única correta. As impressões são as nossas percepções mais fortes, enquanto as ideias são percepções mais fracas. As ideias são memórias das impressões e, por isso, não possuem a mesma força que as sensações que as originaram. Como exemplo, podemos pensar sobre a dor. A ideia de dor é sempre mais fraca do que a sensação de dor que originou essa ideia. Nessa concepção está expresso o empirismo de David Hume.

### Questão 13: B

Hume começa sua teoria dividindo todas as percepções mentais entre ideias (pensamentos) e impressões (sensações e sentimentos) e, então, faz duas alegações fundamentais sobre a relação entre elas. Primeiramente, ele alega que todas as ideias são, no final das contas, cópias das impressões, ou seja, para qualquer ideia que nós tomarmos, encontraremos seus componentes nas sensações externas ou nos sentimentos internos. Segundamente, ele alega que a única diferença entre uma ideia e uma impressão está na vivacidade de uma e de outra, isto é, a única diferença entre a impressão da árvore e a ideia da árvore está na força da sua presença no intelecto. Enquanto as impressões são fortes e vívidas, as ideias são fracas e não apresentam a mesma vivacidade das impressões. Desse modo, ideias são cópias das impressões e as ideias e impressões diferem na vivacidade da sua presença intelectual.

### Questão 14: D

Na seção IV da Investigação acerca do Entendimento Humano, David Hume encaminha claramente o ataque à razão e à metafísica. Uma das questões cruciais da existência envolve o suceder dos acontecimentos. Hume afirma que a inferência e as analogias que fazemos em relação aos efeitos de causas semelhantes nas questões de fato não podem ser baseadas em nenhuma espécie de raciocínio formal. Em sua crítica aos pressupostos metafísicos da ideia de causalidade, ele defende que o sujeito do conhecimento opera inferências associando sensações, percepções e impressões recebidas pelos órgãos dos sentidos e retidas na memória. Deste modo, as ideias se reduzem a hábitos mentais de associação de impressões semelhantes ou sucessivas. A ideia de causalidade, portanto, apresenta-se como o mero hábito que nossa mente adquire ao estabelecer relações de causa e efeito entre percepções que se sucedem no tempo, chamando as anteriores de causas e as posteriores de efeitos.

(cf. CHAUI, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1994. p. 231.)

### Questão 15: D

Hume pergunta sobre *qual a natureza* de todos os raciocínios humanos sobre os fatos e qual o fundamento de todas as conclusões derivadas da experiência. O filósofo conclui que todos os fatos são exteriores entre si. Neles, não há nada de interior e intrínseco que os relacione necessariamente uns aos outros. A relação de causalidade é uma crença baseada no hábito. Hume indica que os homens associam ideias e acreditam nessa associação por força do hábito ou costume.

Para Hume, essa relação causal entre objetos é baseada na experiência, sendo, portanto, *a posteriori*, pois inferir o efeito pela causa só é possível porque a sucessão de objetos (causa e efeito) foi percebida anteriormente por meio das sensações. É o hábito de ver dois objetos se sucedendo no mundo que nos leva à crença de que essa sucessão continuará ocorrendo no futuro. Por exemplo, percebemos muitas vezes por meio dos sentidos (olfato, tato, visão, audição e paladar) que onde há fumaça há fogo. Assim, esse hábito de vermos fumaça sempre que existe fogo nos leva à crença de que o fogo é a causa da fumaça.

### Questão 16: B

Sendo contrário ao racionalismo, Hume considera que a Moral não pode ser derivada da razão. Para ele, a Moral diz respeito a ações humanas relacionadas à vontade, podendo ser enquadrada em uma Filosofia prática.

### Questão 17: B

Dois alternativas são muito parecidas entre si. A alternativa A e a alternativa B. Ambas fazem referência a concepções empiristas do pensamento. Entretanto, a A faz referência ao pensamento de John Locke, e somente a B faz referência a David Hume. A noção de hábito como modelo explicativo das conexões daquilo que é observado é uma das marcas mais conhecidas de sua filosofia.

Para Hume, a relação causal entre objetos é baseada na experiência, sendo, portanto, *a posteriori*, pois inferir o efeito pela causa só é possível porque a sucessão de objetos (causa e efeito) foi percebida anteriormente por meio das sensações. É o hábito de ver dois objetos se sucedendo no mundo que nos leva à crença de que essa sucessão continuará ocorrendo no futuro. Por exemplo, percebemos muitas vezes por meio dos sentidos (olfato, tato, visão, audição e paladar) que onde há fumaça há fogo. Assim, esse hábito de vermos fumaça sempre que existe fogo nos leva à crença de que o fogo é a causa da fumaça.